# Dia 13 — Santa Luzia, Virgem e Mártir

## Martirológio Romano

O triunfo de Santa Luzia, virgem e mártir, em Siracusa, na Sicília; a qual, na perseguição de Diocleciano, por mandado do cônsul Pascásio foi entregue a uns homens desonestos para que o populacho zombasse dela; mas não pôde ser levada nem movida, ainda que a puxavam com cordas e com muitas juntas de bois: depois disto venceu o tormento da pez, resina e azeite fervendo sem receber lesão alguma, até que por último, atravessando-lhe a garganta com uma espada, consumou o martírio. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

A paixão dos santos mártires Eustrácio, Auxêncio, Eugênio, Mardário e Orestes, na Armênia, durante a perseguição de Diocleciano; Eustrácio primeiramente pelo presidente Lísias, depois em Sebaste pelo presidente Agrícolao, junto com Orestes, padeceu atrozes tormentos e finalmente, metido num forno ardente, entregou seu espírito; São Orestes foi posto sobre um leito de ferro feito brasa, onde dormiu no Senhor; os demais, estando entre os Arabracos, por mandado do presidente Lísias, com vários e muito cruéis tormentos alcançaram a palma do martírio. Seus corpos, trasladados depois a Roma, foram honorificamente colocados na igreja de Santo Apolinário.

O martírio de Santo Antíoco, na ilha do mesmo nome, junto à da Sardenha, no tempo do imperador Adriano.

Santo Autberto, bispo e confessor, em Cambrai, na França. (Este grande Prelado foi um dos mais preciosos ornamentos do século VII e dos mais eminentes promotores de doutrina e de piedade na Igreja galicana. O grande rei Dagoberto foi muitas vezes em busca do Santo para ser instruído nos meios de assegurar sua salvação eterna. Morreu no dia 13 de dezembro do ano 669. A urna de Santo Autberto é o tesouro mais rico da magnífica igreja e abadia de São Pedro em Cambrai. Butler.)

São Judoco (ou Josse, ou Jodoc), confessor, numa aldeia de Ponthieu. (Renunciando à coroa da Bretanha com que o brindava seu irmão mais velho, recebeu a tonsura e foi em peregrinação a Roma. Promovido depois às sagradas ordens de presbítero, retirou-se com um discípulo seu chamado Vurmaro a um bosque solitário de Ray; logo se passaram a Runiac, onde o servo de Deus Judoco acabou sua vida penitencial no ano de 669 e foi honrado com milagres antes e depois de sua morte. Seu eremitério chegou a fazer-se com o tempo famoso mosteiro e um dos que Carlos

Magno cedeu a Alcuíno no ano de 792. Butler.)

Santa Otília, virgem, na diocese de Estrasburgo. (Foi natural de Estrasburgo e de uma família ilustre, mas batizada em Ratisbona por Santo Erardo, bispo daquela sé. Seu pai ergueu um grande mosteiro na Alsácia, no qual conduziu Otília pelos passos da perfeição a cento e trinta monjas virtuosas, e morreu no ano de 712. Butler.)

# Santa Luzia, Virgem e Mártir

Santa Luzia, tão célebre em toda a Igreja e glória da Sicília, era de uma das mais nobres famílias de Siracusa, capital então de toda a Ilha. Mas por mais distintos que fossem seus pais por sua nobreza e por seus abundantes bens de fortuna, punham sua principal glória na ventura que tinham de ser cristãos. Não tinham mais que uma filha, chamada Luzia, herdeira de suas grandes riquezas, mas sobretudo de sua virtude, à qual acrescentou nossa Santa a da pureza e a glória do martírio. Havia nascido pelo fim do terceiro século com particulares inclinações à piedade e com um amor a Jesus Cristo e um zelo extraordinário pela Religião: teve-se grande cuidado em cultivar um tão bom natural e umas tão belas disposições. Sua modéstia, sua propensão ao retiro, seu amor à virgindade deram bastante a conhecer aos que a viam de perto que Jesus Cristo a havia escolhido por sua esposa.

Perdeu seu pai quando não tinha ainda senão cinco ou seis anos; mas sua mãe, chamada Eutíquia, aplicou-se com mais cuidado durante sua viuvez a inspirar-lhe os mais altos sentimentos pela piedade cristã. Como as qualidades corporais da filha correspondiam às de seu coração e de seu espírito, pois estava dotada de uma rara beleza, à qual se acrescentava ser rica e discreta, pensou Eutíquia em procurar-lhe a tempo um estabelecimento honroso, qual correspondia a suas prendas e qualidades. Não lhe foi difícil encontrar-lhe um partido vantajoso. Entre todos os senhores que se apresentaram, pôs sua mãe os olhos num jovem galhardo que parecia ser o que lhe convinha e que certamente tinha qualidades dignas dela, exceto ser pagão; mas esta consideração não deteve Eutíquia, seja que cresse que a diversidade de religião não prejudicaria a fé de Luzia, cuja aprovada virtude tinha bem conhecida, seja que esperasse que seu zelo e sua virtude poderiam facilmente converter algum dia o jovem esposo; mas nossa Santa se achava com muito distintos pensamentos.

Abrasada desde sua infância no amor de seu divino Salvador e encantada da beleza deste Esposo celestial, havia-lhe consagrado sua virgindade; e como havia previsto tudo o que lhe podia suceder, estava resolvida a não ter jamais outro esposo que Jesus Cristo, ainda que houvesse de perder por isso todos os seus bens e a própria vida. Informada do desígnio de sua mãe, suplicou-lhe que não se precipitasse: representou-lhe que era ainda demasiado jovem para pensar em casar-se, que lhe prolongasse o mais possível o gosto que tinha de servi-la, de cuidar de sua saúde e de estar em sua companhia. Este discurso embeveceu a mãe e, ainda que o pretendido esposo instava a toda hora por concluir um casamento que lhe era tão vantajoso, Eutíquia dilatou sua conclusão por dar gosto a sua filha. Entretanto, nossa Santa não cessava de suplicar ao Senhor que impedisse o desígnio de sua mãe. Foi ouvida sua oração, pois, molestada sua mãe de um fluxo de

sangue que a atormentou por espaço de quatro anos, uma enfermidade tão molesta suspendeu tudo; de modo que, enquanto Eutíquia esteve na cama, não se falou palavra do casamento.

Como a fama dos milagres que se operavam continuamente em Catânia, no sepulcro de Santa Águeda, se estendeu tanto por toda a Ilha, que concorriam a ele de todas as partes não só os Cristãos mas também os pagãos a buscar socorro em suas enfermidades; como por outra parte todos os remédios que se haviam aplicado a Eutíquia nos quatro anos haviam sido inúteis, aflita Santa Luzia de ver padecer sua mãe tanto tempo, propôs-lhe que podiam ir as duas a Catânia, que tinha grande confiança de que, pela intercessão de Santa Águeda, recobraria a saúde. A enferma anuiu a isso, e ambas fizeram a viagem. Logo que chegaram a Catânia, foram ao sítio onde estava o sepulcro e puseram-se em oração. Como estavam muito fatigadas, Santa Luzia ficou adormecida e, durante este sono, apareceu-lhe Santa Águeda acompanhada de muitos Anjos; e encarando-a, disse-lhe: «Luzia, querida irmã, esposa sagrada de nosso comum Salvador, por que me pedes o que por ti mesma podes alcançar facilmente? Jesus Cristo, teu esposo e meu, concede-te gostosamente a saúde de tua mãe, que tanto desejas; e como este Senhor se dignou tornar célebre a cidade de Catânia por honrar-me a mim, assim também quer que teu nome torne célebre a cidade de Siracusa: tua alma lhe é grata e preciosa; e na pureza de teu coração encontra uma habitação agradável.» Acabadas de dizer estas palavras, desapareceu a visão.

Tendo despertado Luzia, exclamou: Mãe minha muito amada, já estais curada: pela intercessão de sua esposa Santa Águeda vos deu Deus a saúde; demos-lhe humildemente as graças. Depois de haver mostrado seu reconhecimento a Deus e a sua santa Protetora, ficaram muito contentes ambas; mas antes de retirar-se do sepulcro, abraçando Luziamãe, que estava penetrada toda de reconhecimento por um benefício tão assinalado, disse-lhe: Minha querida mãe, Deus acaba de fazer-vos um grande favor, e eu me lisonjeio de que não me negareis o que vos peço por amor de Deus; este é que não me faleis mais de casamento: consagrei minha virgindade a Jesus Cristo; estimarei que leveis a bem que eu não tenha outro esposo que este Senhor. Eutíquia, enternecida e embevecida ao mesmo tempo de uma resolução tão generosa, anuiu ao que lhe pedia sua filha. Não basta, acrescentou a filha, que consintais em meu matrimônio espiritual: é necessário que me deis meu dote para que eu o entregue a meu divino Esposo pelas mãos dos pobres, a quem determinei distribuir todos os meus bens. — Filha minha, respondeu Eutíquia, todos os bens da família são teus; mas não queiras que perca eu meus direitos e que a caridade que queres exercitar com os pobres me reduza a pedir esmola; anuo a que disponhas do rico dote que te havia destinado; mas quero conservar meu cabedal durante minha vida, ainda que resolvida sempre a deixá-lo aos pobres depois de minha morte. — Depois de sua morte? replicou a santa filha; que sacrifício fazemos a Deus em dar-lhe o que não podemos reter? Crede-me, mãe minha: demos a Deus os bens que ele mesmo nos deu; e demos-lhos antes que a morte no-los leve; contemos com sua bondade e com sua providência: o Senhor cuidará de nós, como nós não contemos senão com ele. Eutíquia enterneceu-se ao ouvir este arrazoado de sua filha e tomou a resolução de distribuir sem detença todos os seus bens aos pobres, para não possuir daí em diante senão a Deus.

Tendo voltado a Siracusa, começaram a distribuir entre os pobres todo o dinheiro que tinham, passando depois a vender todas as suas alfaias e joias para resgatar os cativos cristãos e procurar a liberdade aos encarcerados. O cavaleiro a quem estava prometida Luzia, sabendo que ambas vendiam suas terras, foi estar com a aia da Santa para informar-se da verdade e suplicou-lhe que

lhe não encobrisse o mistério. É verdade, respondeu-lhe a aia, que Eutíquia vende tudo o mais precioso que tem; mas é para comprar uma terra de um valor infinito e de umas rendas imensas. Esta resposta, que o cavaleiro pagão não compreendeu, satisfez-lhe, crendo encontrar nela seu próprio interesse; mas tendo sabido que todo o dinheiro que haviam tirado da venda de todos os seus bens se havia empregado em alimentar pobres e em libertar presos, conheceu que se jogava com ele; arrebatou-se de um furioso enojo, foi despeitado buscar o prefeito da cidade, informou-o de tudo e disse-lhe que aquela dissipação de bens nascia de que Luziacristã. Não foi necessário mais para mandar prendê-la. Não se pode dizer qual foi o gozo de nossa Santa quando se viu em vésperas de ser mártir. Compareceu diante do juiz com ar de paz, de constância e de segurança. Nada omitiu o tirano para persuadi-la a abandonar sua religião; representou-lhe as grandes vantagens que acharia no mundo se consentisse no casamento que se lhe havia proposto; e levantando logo a voz, disse-lhe que era preciso que naquele mesmo dia oferecesse um sacrifício aos deuses. — Eu não conheço outro Deus, respondeu a Santa, senão o Deus onipotente e eterno, criador do céu e da terra, a quem já fiz sacrifício de todos os meus bens; já não me resta mais que fazer-lhe sacrifício de mim mesma. Pascásio (este era o nome do prefeito), ao ver a firmeza com que a Santa lhe respondeu, disse-lhe: Bem vejo que não convém andar com razões contigo; os tormentos farão cessar tua tagarelice, e os golpes farão cessar tuas palavras. — Os suplícios que se padecem por Jesus Cristo, replicou a Santa, não podem fazer calar seus confessores; pois ele mesmo nos assegurou que, quando estivermos diante de nossos juízes, não seremos nós os que falaremos, mas que o Espírito Santo falará por nossa boca. — Julgas, respondeu Pascásio, que o Espírito Santo está em ti e que ele é quem te sugere o que respondes? — Creio, replicou a Santa, que os que têm uma vida pura e casta são templos do Espírito Santo. — Se é assim, respondeu o Juiz, logo acharei eu meio de lançar de ti esse espírito, prostituindo-te como a uma mulher infame. — Temo pouco todas as tuas violências, replicou a Santa; o Deus que adoro e a quem desde minha meninice consagrei minha virgindade saberá muito bem preservar-me de teus insultos. Irritado o tirano com estas respostas, mandou que levassem esta casta esposa de Jesus Cristo a um lugar infame para ser abandonada à brutalidade de todos os libertinos da cidade. Mas que pode toda a malícia dos homens e do próprio inferno contra a onipotência de Deus? Santa Luzia foi detida por uma mão invisível no mesmo lugar onde estava e, por mais que se fizeram os maiores esforços para arrastá-la, até empregar nisso muitos pares de bois, não foi possível movê-la. Os pagãos o atribuíram a encanto, as pessoas prudentes a milagre. O tirano, cheio de confusão e estourando de raiva e de despeito, mandou que se acendesse uma fogueira ao redor dela, que a cobrissem de pez e resina, que acrescentassem toda sorte de matérias combustíveis e que se lhe pusesse fogo; mas o mesmo que a havia tornado imóvel a conservou sã em meio do incêndio. Um fogo horrível a rodeou toda, cobriram-na espessas chamas, creu-se que ficaria sufocada e consumida num momento; mas pasmaram todos quando, diminuindo-se o fogo, viram Santa Luzia em meio do braseiro com a mesma serenidade e inteireza que se estivesse num banho fresco, sem que um só de seus cabelos houvesse perecido e sem que o fogo lhe houvesse tocado a roupa. Este prodígio causou grande admiração nos corações de quantos estavam presentes; exclamaram todos em voz alta: Glória ao Deus dos Cristãos; só ele merece nossos cultos. Tendo acudido Pascásio aos gritos da gente e vendo que a Santa cantava os louvores de Deus com os olhos levantados ao céu, e não podendo sofrer as maldições que vomitava contra ele a multidão, mandou ao verdugo que lhe cortasse o pescoço de uma cutilada. Não tendo morrido a Santa no instante, tomaram-na os Cristãos e levaram-na a uma casa imediata. Estando neste estado, predisse o fim da perseguição e a paz que gozaria a Igreja depois da morte de Diocleciano; e se diz que antes de expirar teve o

consolo de receber o Viático: depois do que, cumulada de graças, de vitórias e de merecimentos, deu placidamente seu espírito a Deus no dia 13 de dezembro do ano 304. Seu corpo foi enterrado em Siracusa, onde esteve até o século VIII, em que Faroaldo, duque de Espoleto, tendo-se apoderado de Siracusa, mandou transportá-lo à Itália, à cidade de Corfinio. Este santo corpo permaneceu neste lugar cerca de duzentos e cinquenta anos, isto é, até o ano 970, em que, tendo passado à Itália Teodorico, bispo de Metz, com o imperador Oto I, seu primo, e desejando enriquecer sua diocese com preciosas relíquias de Mártires, levou as de Santa Luzia. Pô-las em sua igreja de Metz e, dois anos depois, mandou trasladá-las à de São Vicente, onde havia mandado edificar uma magnífica capela dedicada a Santa Luzia. Em 1042, outro bispo de Metz, chamado também Teodorico, tirou um braço da caixa e deu-o ao imperador Henrique III, que o colocou no mosteiro de Ladenburg ou Landeberg, na diocese de Espira. Quando Teodorico trasladou o corpo da Santa a Metz, já se havia trasladado a cabeça a Roma. Distribuíram-se algumas porções destas santas relíquias a outras igrejas, onde se guardam com grande veneração.

Tem-se esta preciosa Virgem por advogada da vista, e comumente a pintam com seus olhos num prato que tem em suas mãos. Não se sabe a causa de pintá-la assim, nem sua história diz que tenha arrancado os olhos para livrar-se de um homem lascivo que a perseguia. Mas como cada dia se experimentam novas graças que faz o Senhor aos que, tendo mal de olhos, se encomendam com devoção a Santa Luzia, tenhamo-la todos em grande devoção para que por sua intercessão se nos conserve a vista corporal e muito mais para que alcancemos a espiritual e eterna. Outros escrevem, e com fundamento, que é advogada contra o fogo.

# O Beato João de Marinoni, Confessor

O beato João de Marinoni, confessor, foi filho terceiro e o menor de uma família nobre, originária de Bérgamo, mas nascido em Veneza no ano de 1490. Desde sua infância foi toda a sua delícia estar de joelhos ao pé dos altares e ouvir muitas missas todos os dias que lhe era permitido. Por via de regra estudava diante de um Crucifixo e santificava seus estudos com frequentes atos de amor divino. Para pedir a Deus a graça de não manchar a inocência e pureza batismal, gastou quarenta dias em oração e jejuns rigorosos em honra da Imaculada Conceição da Mãe de Deus. Tendo abraçado o estado eclesiástico, serviu entre os assistentes da igreja de São Pantaleão; e ordenado presbítero, foi feito capelão e depois prior do hospital dos incuráveis, em cujo caritativo destino era um anjo consolador de quantos padeciam aquelas aflições. De lá foi chamado para que admitisse uma cônega na célebre igreja de São Marcos, onde sua vida foi a edificação de seus companheiros e de toda aquela cidade. Desejoso de servir a Deus com um desprendimento mais perfeito das coisas do mundo, pediu o hábito de clérigo regular dos chamados Teatinos e fez sua profissão no ano de 1530, no dia 29 de maio, sendo então de quarenta anos de idade, diante de seus próprios fundadores São Caetano e Carafa, antigo bispo de Chieti ou Teate, que havia instituído esta Ordem seis anos antes. Chamado São Caetano de Veneza a fundar o convento de São Paulo em Nápoles, levou consigo nosso Santo. Nesta grande cidade, Marinoni não cessou um ponto de pregar a

palavra de Deus com admirável simplicidade e zelo; e eleito várias vezes Superior, manteve sempre em sua Ordem o verdadeiro espírito religioso.

Tanto com suas orações como com seus sacrifícios, em que se via às vezes banhado em ternas lágrimas, e com suas exortações em púlpito e confessionário, foi o instrumento da salvação de muitas almas pecadoras. Morreu de uma violenta terçã em Nápoles no dia 13 de dezembro de 1562. Foi beatificado por bula de Clemente XIII no ano de 1762, o qual no de 1764 concedeu a sua Ordem um ofício em honra sua que havia de celebrar-se naquele dia.

# Missa (oração)

A missa é em honra de Santa Luzia, e a oração é a que segue:

> **Latim:** *Exaudi nos, Deus salutaris noster: ut sicut de beatæ Luciæ virginis et martyris tuæ festivitate gaudemus, ita piæ devotionis erudiamur affectu. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

**Português:** Ouvi-nos, Deus Salvador nosso, e fazei que o gozo que nos causa a festa de Santa Luzia, vossa virgem e mártir, esteja acompanhado de sentimentos de uma verdadeira piedade. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

# Epístola

A epístola é dos capítulos 10 e 11 da segunda carta de São Paulo aos Coríntios.

**2 Coríntios 10,17-18; 11,1-2**

> **Latim:** 17 Qui autem gloriatur, in Domino glorietur. 18 Non enim qui seipsum commendat, ille probatus est : sed quem Deus commendat. 1 Utinam sustineretis modicum quid insipientiæ meæ, sed et supportare me : 2 æmulor enim vos Dei æmulatione. Despondi enim vos uni viro, virginem castam exhibere Christo.

**Português:** 17 Aquelle pois, que se gloria, glorie-se no Senhor. 18 Porque não he o que a si mesmo se recommenda, o que he estimavel : mas he sim aquelle, a quem Deos recommenda. 1 OXALÁ que supportasseis por hum pouco a minha insipiciencia, mas em fim tolerai-me: 2 porque vos zelo

com zelo de Deos. Por quanto eu vos tenho desposado com Christo, para vos apresentar como virgem pura ao unico esposo.

# Reflexões

*Quem se gloria, glorie-se no Senhor.* Não há virtude sobre a terra, não há mérito, pode-se também acrescentar, não há bom espírito, não há verdadeira probidade, não há bom juízo fora do que Deus reconhece por tal. O homem pensa com pouca regra; seu juízo, por via de regra, leva à falsidade e à mentira. Todas as coisas se julgam num tribunal onde os juízes ordinariamente são partes. Os sentidos dão seu ditame e são atendidos; as paixões têm voto decisivo neste tribunal. O humor, o natural, os interesses particulares, o espírito do mundo, tudo advoga e defende a causa do amor-próprio. E havemos de admirar-nos de que nossos juízos sejam tão falsos; de que nossas ideias sejam tão contrárias às de Deus; de que estimemos e louvemos tão frequentemente o que Deus reprova e, por conseguinte, o que é verdadeiramente digno de desprezar-se? Só no Senhor devemos buscar nossa glória, quero dizer, na perfeita submissão a suas ordens e em fazer o que lhe agrada. Porque, ou as coisas em que nos gloriamos não se podem referir a Deus, e então a glória não pode ser senão muito vã; ou nos gloriamos daquelas vantagens de que não estamos revestidos senão para usar delas segundo os fins de Deus; e então o homem é muito injusto em apropriá-las a si mesmo. A vaidade de louvar-se alguém a si mesmo não é uma grande fraqueza? Que pensam os homens dos que se louvam a si mesmos? Isto só não rouba às ações mais louváveis o que teriam de mérito por outra parte? Ao menos, isto não embaça a mais formosa virtude? Por que exaltar o pouco bem de que somos capazes? A que fim publicá-lo onde cremos que pode atrair-nos a aprovação dos homens? Se Deus nos quer em postos onde nos seja necessária a estimação dos homens, ele sabe muito bem mostrar-lhes que somos dignos dela, sem que nós a procuremos de nossa parte. A fraqueza de louvar-se alguém a si mesmo é mais que pueril; não somente é sinal de pouca virtude, mas de uma simpleza que diminui a estimação que por outra parte se poderia ter das belas prendas da pessoa. Esta néscia e ridícula vaidade denota um espírito apoucado, cujas luzes são tão limitadas que não podem descobrir o prejuízo que ocasiona ao próprio mérito a fraqueza de louvar-se. E assim não há quem mais se louve a si mesmo que os entendimentos muito regulares. Um grande talento, um homem de um mérito muito sobressalente, fala pouco de si.

# Evangelho

O evangelho é do capítulo 13 de São Mateus (o impresso remete à pág. 50, isto é, ao dia 2).

**Mateus 13,44-52**

> **Latim:** [44] Simile est regnum cælorum thesauro abscondito in agro : quem qui invenit homo, abscondit, et præ gaudio illius vadit, et vendit universa quæ habet, et emit agrum illum. [45] Iterum simile est regnum cælorum homini negotiatori, quærenti bonas margaritas. [46] Inventa autem una pretiosa margarita, abiit, et vendidit omnia quæ habuit, et emit eam. [47] Iterum simile est regnum cælorum sagenæ missæ in mare, et ex omni genere piscium congreganti. [48] Quam, cum impleta esset, educentes, et secus littus sedentes, elegerunt bonis in vasa, malos autem foras miserunt. [49] Sic erit in consummatione sæculi : exibunt angeli, et separabunt malos de medio justorum, [50] et mittent eos in caminum ignis : ibi erit fletus, et stridor dentium. [51] Intellexistis hæc omnia ? Dicunt ei : Etiam. [52] Ait illis : Ideo omnis scriba doctus in regno cælorum, similis est homini patrifamilias, qui profert de thesauro suo nova et vetera.

**Português:** [44] O reino dos ceos he semelhante a hum thesouro escondido no campo: que quando hum homem o acha, o esconde, e pelo gosto que sente de o achar, vai, e vende tudo o que tem, e compra aquelle campo. [45] Assim mesmo he semelhante o reino dos ceos a hum homem negociante, que busca boas perolas. [46] E tendo achado huma de grande preço, vai vender tudo o que tem, e a compra. [47] Finalmente o reino dos ceos he semelhante a huma rede lançada no mar, que toda a casta de peixes colhe: [48] e depois de estar cheia, a tirão os homens para fóra, e sentados na praia escolhem os bons para os vasos, e deitão fóra os máos. [49] Assim será no fim do mundo: sahirão os anjos, e separarão os máos de entre os justos, [50] e lancallos-hão na fornalha de fogo: allí será o choro, e o ranger com os dentes. [51] Tendes vós compreendido bem tudo isto? Responderão elles: Sim. [52] Elle lhes disse: Por isso todo o escriba instruido no reino dos ceos, he semelhante a hum pai de familia, que tira do seu thesouro cousas novas e velhas.

# Meditação

*Quanto aborrece Deus o pecado*

## Primeiro ponto

Considera que não há mais forte antipatia que a que há entre Deus e o pecado; esta antipatia lhe é essencial a Deus. A natureza de Deus é essencialmente inimiga do pecado e, por conseguinte, do pecador. Se o pecado pudesse deixar de ser contrário a Deus, não seria já pecado; e se Deus pudesse deixar de aborrecer o pecado, não seria Deus; logo, não devo esperar possuir a Deus enquanto estiver possuído do pecado. Assim como o pecado não entra no céu, porque Deus reina nele, assim Deus não entra numa alma onde reina o pecado. Se se tivesse uma ideia cabal do pecado, o nome só de pecado causaria na alma um horror e um espanto mortal. O pecado é propriamente o único mal do homem; a perda dos bens, as desgraças, as enfermidades, as dores,

as perseguições, a própria morte não são males senão muito impropriamente e enquanto são efeitos e consequências do pecado: com efeito, que um homem seja desgraçado, pobre, enfermo, perseguido e o refugo do gênero humano; que seja desprezado, caluniado e até reduzido à última miséria; se este homem está em graça e amizade do Senhor, por não ser respeitado não deixa de ser respeitável. É como um diamante de grande preço coberto de pó, que não se conhece e se leva entre os pés; a própria morte, tão terrível ao pecador, não espanta este homem, nem menos dá fim a seu mérito. O estado de graça nos faz agradáveis aos olhos de Deus, e por ele gozamos dos direitos que constituem a honra e a glória de filhos seus. O pecado, pelo contrário, obra a suma desdita do homem. Que estado mais triste, mais horroroso e mais digno de lástima que o de um homem que caiu da graça de seu soberano? Quando uma pessoa incorreu na indignação do rei, tem-se por muito desgraçada. Que estado, pois, mais miserável que o de um homem a quem Deus olha como a seu inimigo; de um homem a quem Deus olha com horror e que é triste objeto de seu furor e de seu enojo? Eis aqui o que produz um só pecado mortal: arma todas as criaturas contra o pecador. Possua este todas as belas qualidades, tenha um espírito excelente, um natural feliz, seja de um nascimento distinto, possua todos os tesouros do universo: se Deus o aborrece, é sumamente infeliz; eis aqui qual é o fruto de uma falta grave.

# Segundo ponto

Considera como Deus não está ocupado, por dizê-lo assim, no mundo senão em destruir o pecado; tudo o que faz fora de si não se encaminha senão a isto. Se envia seu Filho à terra, é para desterrar dela o pecado; se forma a Igreja, é para exterminar o pecado; se nos dá suas graças, é para armar-nos contra o pecado; se nos premia, é por haver vencido o pecado; se nos castiga, é por haver amado o pecado. Ah! Esta ocupação é digna de Deus; por que, pois, não me ocuparei eu também no mesmo? Todos os dias se me oferecem mil ocasiões de impedir que se peque: e por que não o faço? Mas ai! Enquanto Deus se ocupa em destruir o pecado, ocupo-me eu em obrá-lo e em estabelecê-lo. Mas nada é mais a propósito para fazer-nos conhecer o ódio que tem Deus ao pecado que a severidade com que o castiga. Deus castiga o pecado em qualquer pessoa que o veja. Com que rigor o castigou nos Anjos, que eram as mais excelentes de suas criaturas, sem respeitar nem sua excelência, nem suas prerrogativas, nem suas brilhantes prendas! Um só pecado de soberba apaga e aniquila todas estas excelências. Com que severidade o castigou no homem, a quem amava tão ternamente e a quem havia criado à sua imagem e semelhança! Um só pecado de desobediência o lança daquele paraíso de delícias em que havia sido colocado e o sujeita a este espantoso cúmulo de desditas e misérias que inundam a terra. Castigou-o, enfim, em seu próprio Filho, digno objeto de suas mais doces complacências, ainda que não tivesse senão a aparência do pecado. Ponhamos os olhos em Jesus Cristo cravado na cruz; este retábulo de dores é um efeito do ódio que tem Deus ao pecado. Se assim trata Deus a seu próprio Filho, por só havê-lo encontrado carregado de pecados alheios, como tratará um escravo carregado dos seus próprios? Basta que Jesus Cristo, a própria inocência, queira pagar pelos pecadores para que Deus não se detenha nem na santidade, nem na majestade, nem no mérito infinito deste amado Filho: vê-o sob a aparência de pecador; não é necessário mais para que descarregue sobre ele todo o peso de sua indignação. Pode-se dizer de algum modo que o ódio que tem ao pecado pode mais nele que o amor terno com que ama seu Filho. Oh, e como este só exemplo dá uma justa ideia da enormidade do pecado e de sua malícia!

Fazei, Senhor, que eu lhe tenha um tão grande horror que perca os bens, a saúde e a própria vida antes que incorra em vossa desgraça pelo pecado.

# Jaculatórias

Pequei, ó Salvador dos homens; mas estou pronto a fazer e padecer quanto quiserdes para aplacar-vos. (Jó 7.) Senhor, não me castigueis em vosso furor e em vosso enojo. (Sl 6.)

# Propósitos

1. Não se sabe o que é mal quando se diz que é um grande mal a pobreza, a enfermidade, etc. Não há nesta vida outro mal senão o pecado; pois nenhuma coisa senão o pecado pode impedir-nos de possuir o sumo Bem. Nenhuma coisa me desvia de meu último fim, nenhuma me aparta de meu Deus senão o pecado. Que horror não devemos ter a este monstro! Faze que este horror seja muito vivo; tem horror à só sombra do pecado; quando fores dizer ou fazer alguma coisa, pensa antes de tudo se há pecado nisso. Vive com uma extrema delicadeza de consciência, não acabando jamais tua oração da manhã sem protestar a Deus o horror que tens ao pecado e pedir-lhe graça para não cometê-lo.

2. Não te contentes com ter tu este horror vivo e sensível ao pecado; procura inspirá-lo também a tua família. Desde que teus filhos comecem a ter conhecimento, não deixes de inspirar-lhes frequentemente este horror ao pecado: dize-lhes a miúdo como a rainha Dona Branca a São Luís: Filho meu, ainda que é muito grande a ternura com que te amo, antes quisera ver-te morto que em pecado mortal. Faze muitas vezes esta oração e ensina-a a teus filhos: Concedei-me, Deus de pureza, a graça de vigiar com tanto cuidado e de orar com tão grande eficácia que o tentador não consiga jamais vantagem alguma sobre mim. Fazei que me afaste tanto de todas as ocasiões de pecar e que conceba tão grande horror a tudo o que pode manchar minha alma que nenhuma coisa seja capaz de fazer-me cair jamais em pecado nem perder vossa amizade e graça.

---

Revision #1
Created 20 November 2026 20:55:52 by Admin
Updated 20 November 2026 20:55:52 by Admin